

Fósseis desprezados e boas ideias relegadas – o caso do Balneário de Araxá

Dr. [Douglas Riff](#)

[Laboratório de Paleontologia, Instituto de Biologia, Universidade Federal de Uberlândia](#)

21 de novembro de 2017

Quando amanheceu o dia 03 de março de 1944 a cidade de Araxá estava prestes a se tornar o endereço da maior descoberta paleontológica feita no Brasil até aquela data, e também uma das maiores do mundo. Operários trabalhando na construção de uma fossa para a fonte de água sulfurosa Andrade Júnior, parte do Complexo Hidrotermal e Hoteleiro do Barreiro, delimitaram uma depressão no terreno e ali descobriram centenas de ossos de uma fauna extinta há milhares de anos: a Megafauna Pleistocênica. Essa descoberta aconteceu pouco antes da inauguração do Grande Hotel de Araxá, causou um grande alarde por toda a cidade e sua importância foi imediatamente notada e divulgada, pois à medida que os operários escavaram a terra preta, conhecida como “araxinite”, apareciam mais ossos de proporções assombrosas, característicos de animais “antediluvianos”:

“Eram ossos de proporções monstruosas, denunciando um fóssil ante-diluviano. Com mais vagar, concluíram os chefes dos serviços das obras do Balneário de Araxá, que se tratava de um autêntico megatério”.

(Estado de Minas, 04/03/1944).

“Os dentes do fóssil têm proporções verdadeiramente assombrosas, pois seu comprimento atinge 15 centímetros. A largura de um dos pré-molares é também impressionante, parecendo o diâmetro de um tubo de grande torneira”.

(Estado de Minas, 04/03/1944).

A pedido de José Ferreira de Andrade Júnior, engenheiro de obras do Balneário de Araxá, foram contatados os pesquisadores da Divisão de Geologia e Mineralogia do Departamento Nacional de Produção Mineral do Rio de Janeiro para estudar os fósseis encontrados. Dentre eles, os paleontólogos Llewellyn Ivor Price e Rubens da Silva Santos, que foram os principais responsáveis pela coleta e estudo pioneiro desses

fósseis. A análise dos paleontólogos permitiu identificar 388 restos ósseos e dentários da associação fossilífera de Araxá (excluindo aí fragmentos indeterminados, produtos exclusivamente de quebras pós-coleta ou de guarda desleixada). A maioria deste acervo (98%) trata-se de ossos do mastodonte *Notiomastodon platensis*, um elefante extinto outrora comum na América do Sul, representando cerca de 80 indivíduos desta espécie, desde juvenis a adultos senis, e a maior concentração mundial de indivíduos de uma mesma espécie fossilizados no mesmo local. Uma minoria equivale a restos de *Equus* sp (cavalo extinto), bem como da preguiça terrícola gigante *Eremotherium laurillardii* e ao litopterno *Xenorhinotherium bahiensis*.

Deste conjunto, 132 ossos de mastodonte, cinco de cavalo, três de litopterno e cinco outros ossos indeterminados foram remetidos à Divisão de Geologia e Mineralogia do Departamento Nacional de Produção Mineral do Rio de Janeiro, onde ainda se encontram. Os materiais foram estudados e parte está exposta no Museu de Ciências da Terra, da Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais (CPRM) no bairro carioca da Urca. Seis molares de mastodontes foram enviados ao *American Museum of Natural History* (Nova York), onde ainda se encontram. Os materiais enviados ao Rio de Janeiro e Nova York permitiram que os paleontólogos George Gaylord Simpson (norte-americano) e Carlos de Paula Couto (brasileiro) publicassem, em 1947, o monumental e clássico trabalho intitulado *The Mastodonts of Brazil* no volume 112, número 2, da revista científica *Bulletin of the American Museum of Natural History*, no qual descrevem e analisam em detalhe este incrível achado araxaense.



Associação de mastodontes de Araxá tal qual se dispunham no dia de seu resgate



*Crânio do mastodonte *Notiomastodon platensis*, de Araxá, exposto no Museu de Ciências da Terra-RJ.*

No entanto, os primeiros espécimes escolhidos foram enviados diretamente para Belo Horizonte, mais especificamente para os responsáveis pela construção do hotel, os diretores da firma Alfredo Carneiro Santiago Companhia Ltda. Em função da falta de controle e escassez de documentos de identificação e registro do material na época, o paradeiro dos fósseis enviados a Belo Horizonte é desconhecido, sendo que apenas um dente molar de mastodonte foi localizado e encontra-se na coleção paleontológica da Universidade Federal de Minas Gerais. Sorte intermediária tiveram os espécimes que permaneceram no grande Hotel: centenas de ossos que passaram décadas acumulando poeira ou sendo expostos à degradação ao serem transferidos de sala a cada vez que mudava a administração do Hotel, mas poderiam, em teoria, ser acessados.

Após terem caído no esquecimento, este acervo foi resgatado e re-examinado nos anos 2000 pelo paleontólogo Leonardo Avilla, professor da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e seus alunos. Sua equipe resgatou o que foi feito por Simpson e Paula Couto, revisando os fósseis que foram levados ao Departamento Nacional de Produção Mineral (RJ) logo após a descoberta, e os exemplares que ficaram nas dependências do Grande Hotel. O grupo de pesquisadores avançou em temas como: datação (os fósseis têm cerca de 55 mil anos de idade), extinção (secas que levaram à concentração de indivíduos em poucos locais com água e,



Fósseis guardados no Grande Hotel. Os espécimes não apresentavam nenhuma identificação e encontravam-se em péssimo estado de preservação (foto de 2013).

por fim, à mortandade em massa de uma população inteira), dieta, tafonomia, patologias e estrutura populacional. Seus estudos foram divulgados em seis artigos científicos e em diversos resumos, juntamente com os então estudantes Dimila Mothé, Lidiane Asevedo e Victor Hugo dos Santos Dominato Fernandes. Com o tema eles concluíram monografias de graduação e dissertações de mestrado sob orientação do Dr. Leonardo. O conhecimento acumulado em Araxá formou a base que permitiu uma sólida revisão taxonômica, filogenética e biogeográfica dos mastodontes sul americanos como um todo, liderada por Dimila Mothé, juntamente com uma produtiva rede de colaboradores (veja um desses resultados [aqui](#)).

Neste ano de 2017, muito apropriadamente ao serem comemorados os sessenta anos da publicação de “*The Mastodonts of Brazil*” os cientistas foram lembrados da importância destes fósseis, e de Araxá e seu Grande Hotel para a paleontologia mundial. O mesmo poderia ser considerado para os cidadãos araxaenses, e os visitantes do Grande Hotel de Araxá. Afinal, em qualquer lugar civilizado do mundo o encontro de fósseis tão espetaculares da megafauna pleistocênica nos domínios de um hotel tão grande seria convertido em atração turística de primeira, e zelo e valorização do patrimônio fossilífero. Convertido em informação, daí em educação, daí em produtos e daí em dinheiro e repercussão para o hotel, a cidade, etc.

No Grande Hotel de Araxá esta história é, no entanto, reduzida a poucas peças expostas de modo pobre e desleixado e sem contextualização. É desconhecida dos guias do Hotel, e descontinuada por materiais inéditos continuarem relegados a salas fechadas com acesso dificultado até mesmo a pesquisadores, e invisíveis ao público. As crianças aproximam-se das vitrines da Fonte Andrade Júnior e perguntam aos pais se aquelas peças são de dinossauros. E quase ninguém entende o que aquilo está fazendo ali, nem mesmo os funcionários do Hotel. Na grande cúpula instalada sobre as termas, um gigantesco vitral em mosaico ilustra a história de Araxá e inclui um setor dedicado exclusivamente à Megafauna (que é perfeitamente válida para o tema, apesar de destacar um animal, o toxodonte, cujos fósseis não foram encontrados no Barreiro, mas é contemporâneo dos mastodontes e poderia vir a ser encontrado se mais escavações fossem feitas). Este é, certamente, [o maior vitral do mundo ilustrando animais pré-históricos](#). Bonito, mas não adianta termos a Megafauna na cúpula que conta a história de Araxá, ou no samba-enredo de 1999 da Escola de Samba Beija-Flor de Nilópolis, se boa parte do material real que está até hoje no hotel é relegado ao esquecimento. O privilégio de ter sido palco desta história não é conhecida e celebrada pelos empreendedores do hotel, pelos grandes empreendedores da cidade, e nem pela administração municipal. Araxá tem sorte de ter em seu solo riquezas fabulosas e uma história com personagens surpreendentes. Mas se sua história mais longa não for resgatada para a população de uma maneira a dar orgulho aos seus filhos e surpreender seus visitantes, seguirá perdendo a oportunidade de ser referenciada mundo afora como detentora de um testemunho único da história da vida na Terra.

Que tal um bom café com pão-de queijo feito em uma fôrma com formato de um mastodonte, enquanto uma família admira e instrui-se diante de uma bela exposição, e sua criança fica em dúvida entre a preguiça e o mastodonte de pelúcia oferecidos na loja e café de um museu à altura da cidade e de seu patrimônio?